

FILOSOFIA DA FOTOGRAFIA

Vilém Flusser

Sem querer dirigir os debates por canais premeditados, mas pelo contrário, na esperança de receber dos senhores impulsos inesperados, pretendo expôr as idéias mestras que sustentam o ensaio a ser criticado:

1. Fotografias são imagens técnicas, isto é: produzidas, distribuídas e recebidas graças a aparelhos. De maneira que fazer e criticar fotografias envolve o problema dos aparelhos. No entanto, trata-se de um problema que extravasa o terreno da fotografia - problema que pode ser considerado como sendo fundamental para a compreensão da situação cultural geral da atualidade. De maneira que a crítica fotográfica leva espontaneamente para uma crítica da cultura ("Kulturkritik" em significado não-frankfurtiano). Foi isto que me motivou a escrever o ensaio. Não fotografia enquanto tal, mas fotografia enquanto acesso à situação cultural, é o tema do meu ensaio.

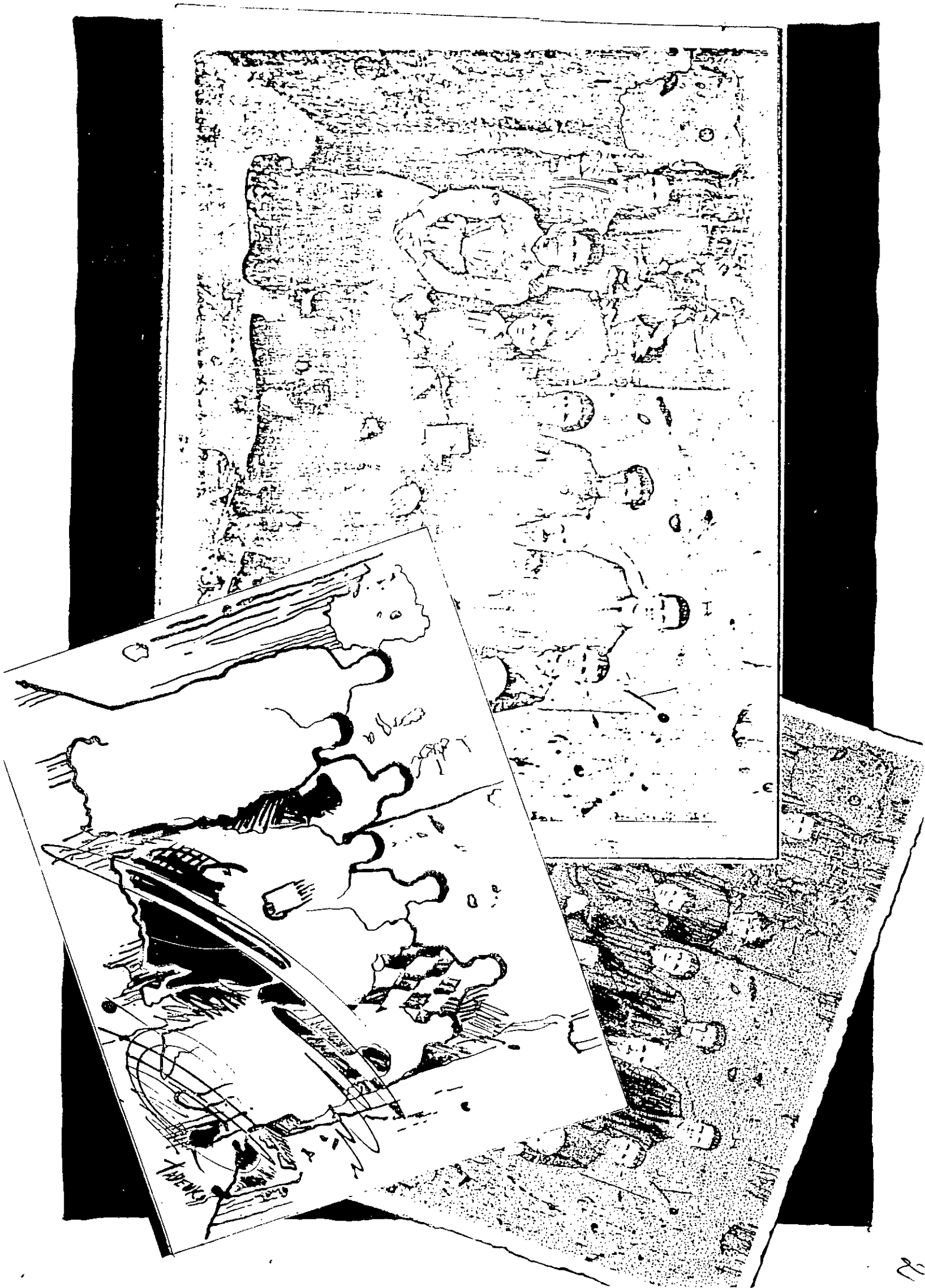
2. O conceito "aparelho" exige clarificação, mas isto é tarefa mais difícil do que parece. Por exemplo: o que há de comum entre aparelho fotográfico e aparelho administrativo? Aparentemente nada, e o uso do mesmo termo para designar dois fenômenos distintos parece metafórico no mau significado do termo. No entanto, sob reflexão, vai aparecer um traço comum, muito significativo: ambos os "aparelhos" são sistemas que tendem a funcionar sempre mais automaticamente. "Automação" e "função" aparecem enquanto características dos aparelhos.

3. Automaticidade significa movimento que não exige intervenção externa. Aparelhos são sistemas que foram estabelecidos afim de eliminar da sua função toda intervenção externa, e sobretudo a humana. Afim de executarem determinados gestos (sobretudo os do trabalho), na ausência do homem. Isto é: o propósito dos produtores de aparelhos é emancipar o homem da necessidade de trabalhar (e em parte, de pensar), e destarte libertá-lo para tarefas novas. Por exemplo: o aparelho fotográfico emancipa o fazedor de imagens de determinados gestos. Mas há contradição em tal intenção libertadora, produtora de aparelhos:

- a. automaticidade leva a autonomia: exige regras específicas que tendem a escapar ao controle humano. Exemplo: a corrida armamentista.
- b. a maioria dos aparelhos atuais não é plenamente automatizada e exige, provisoriamente, intervenção humana. Tal intervenção submete os gestos humanos às regras do aparelho, e transforma o homem em funcionário do aparelho. Exemplo: a transferência da maioria da população do setor secundário para o terciário; a substituição do proletariado pelo funcionalismo. Ambas as contradições são constatáveis no universo da fotografia. Trata-se do problema da liberdade em cultura dos aparelhos.

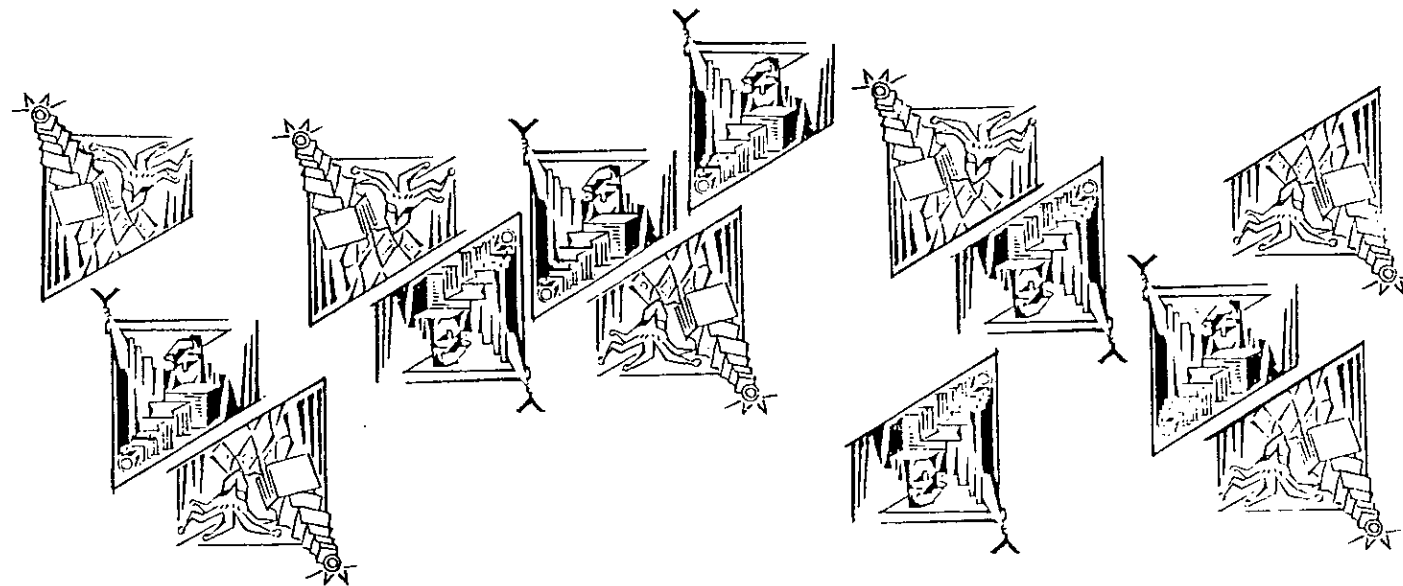
4. A automação se fundamenta sobre a decomposição de processos em elementos pontuais, e a recomposição de tais elementos. Exemplo: atos são decompostos em actomas, e recompostos em atos (robotização). Decompor e recompor, cálculo e computação, é o método característico do pensamento e da ação na atualidade. Exemplos: a imagem atomística do universo científico, e o cálculo proposicional. Tal estrutura pontual reaparece na fotografia sob forma de granulação, e no ato fotográfico sob forma de movimentos "staccato". No entanto, a recomposição do decomposto, a re-síntese dos sistemas analisados, é rigorosamente impossível. Exigiria uma infinidade de elementos infinitesimais para poder-se integrar os diferenciais entre eles. De maneira que, em todos os fenômenos aparelhísticos, são constatáveis intervalos entre os elementos computados. Por exemplo: na superfície da fotografia. Através de tais fenômenos se torna visível o "nada". Tais fenômenos são de fato mosaicos que não têm suporte concreto. Exemplo: fotografia electro-magnética. Pois tal clima do absurdo (falta de raiz) caracteriza a cultura aparelhística toda.

5. O universo decomposto em elementos pontuais é um caos, no interior do qual se formam ordens ao acaso. Exemplo: no universo físico se formam espirais ou cérebros humanos ao acaso. Ou: no universo linguístico se formam sentenças gramaticais e semânticas ao acaso. Tais formas altamente improváveis são chamadas "informações", e são elas as que interessam ao pensamento calculador e computador: é um pensamento calculador e computador de probabilidades. O motivo de tal método é o de produzir deliberadamente o acaso, de transformar acidente em projeto. Para tal método, programar acasos é a tarefa humana. Conceder forma deliberada ao caos. Aparelhos servem a isto. Por exemplo: o aparelho fotográfico foi programado para impôr uma forma altamente improvável (a forma da imagem) ao caos de ftons que cerca o aparelho. Há, no entanto, contradição em tal intenção negativamente entrópica produtora de aparelhos. O pouco provável a ser realizado automaticamente pelo aparelho está inscrito no seu programa. De maneira que o pouco provável é altamente provável, se visto a partir do programa. Por exemplo: quem conhece o programa de determinado aparelho fotográfico poderá calcular quais as imagens que serão feitas por ele necessariamente ao acaso. Em outros termos: a automaticidade se opõe dialeticamente à deliberação do acaso. A cultura aparelhística está exposta ao acidente programado (exemplo: guerra atômica).



6. O método calculador e computador parece ter desviado a "liberdade" (a imposição de informação sobre o caos), do trabalho para a programação do trabalho. Os aparelhos e seus funcionários produzem o provável, o redundante. Os programadores dos aparelhos e funcionários projetam o improvável. Exemplo: fotografias são realizações de virtualidades altamente improváveis antes da invenção da fotografia. Devemos tais informações, não aos fotógrafos, mas aos inventores (programadores). De maneira que o "poder" se desvia da fabricação para a programação (sociedade informática e imperialismo informático). Não o fotógrafo, mas o programador do aparelho manipula a sociedade. No entanto, tal interpretação não se sustenta. A invenção da fotografia, por exemplo, estava inscrita no programa do discurso científico e técnico dos séculos 18 e 19, e ia-se tornando sempre mais provável. Os programadores programam em função de meta-programas. São funcionários, eles também. Exemplo: economia. O fotógrafo funciona em função do programa do aparelho, tal programa em função do programa da indústria fotográfica, este em função do programa do parque industrial, e este em função do programa social, político e ideológico de um meta-meta-aparelho. Seria "metafísica" querer descobrir por detrás de tal hierarquia programática, intenção humana não programada (Erro da Kulturkritik frankfurtiana). De maneira que o método calculador e computador parece ter desviado o conceito "liberdade" para conceito "automaticidade", e parece levar a um novo determinismo: o do acaso virando necessidade.

7. Observação fenomenológica de determinada práxis fotográfica desmente tal visão pessimista da cultura dos aparelhos. Há fotógrafos que se opõem deliberadamente ao programa dos aparelhos e visam obrigar os aparelhos a fazerem imagens pouco prováveis. Isto parece ser uma empresa desesperada. Aparelhos só podem fazer imagens que constam do seu programa. No entanto, a empresa não é tão desesperada quanto parece. Os fotógrafos não negam o programa, mas agem contra ele. Agem contra a sua automaticidade. Procuram fazer imagens que são improváveis, embora contidas no programa como virtualidades. Invertem a automaticidade: tornam provável o que é improvável no jogo automático do programa. Brincam com o acaso: deliberam o acidente. Apontam o campo aberto para a liberdade no contexto dos aparelhos: inverter programas. A liberdade não vem de "cima", da programação, mas de "baixo", do funcionamento invertido. O campo da liberdade é muito estreito. Os aparelhos dispõem de canais para feed-back que lhes permitem recuperar o esforço informativo dos funcionários invertedores, e destarte enriquecer seu programa. No entanto: a práxis de determinados fotógrafos mostra que tal campo de liberdade existe de fato. Que é possível resistir ao totalitarismo estupidamente automático, inerte, dos aparelhos. A crítica da fotografia tem por tarefa revelar tal luta do espírito humano contra os aparelhos.



Vilém Flusser é conferencista. Foi professor na FAAP, na POLI-USP e no ITA; é membro do Instituto Brasileiro de Filosofia. Entre as obras que publicou no Brasil estão "Naturalmente" e "Pós-História" (Duas Cidades).